

## **A sedução: Don Juan e as mulheres**

**Paul Kardous**

e-mail: [paulkardous@uol.com.br](mailto:paulkardous@uol.com.br)

**Psicólogo e Mestre em Comunicação e Semiótica PUC/SP;**

**Psicanalista;**

**Professor universitário da FPA;**

**Professor do Cogea na Especialização em Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura;**

**Membro do campo do fórum lacaniano de São Paulo.**

As linhas que se seguem são um convite ao leitor a refletir sobre algumas relações possíveis entre o Um corpo, o afeto e a sedução. A aproximação destes três significantes se dará através de alguns exemplos da literatura que dá subsídios para causar o desejo dos psicanalistas, principalmente, aqueles que de uma forma ou de outra, foram marcados pela semiótica.

Para colocar certa diz-ordem da rede que será tecida irei nomear como significante mestre deste convite o terceiro elemento desta sequência, ou seja, a sedução. Sendo assim, desde agora, a sedução será o carro chefe desta injunção entre a psicanálise, a semiótica para fazer o corte/costura do mito de Don Juan.

Deixo uma breve referência ao leitor das classificações psiquiátricas a respeito do dom-juanismo no DSM-IV e no ID 10, classificando os sujeitos que extraem um gozo sem igual da arte de seduzir como transtorno de personalidade borderline, transtornos narcísicos, transtornos antissociais e transtorno histriônico. Não são apenas tais psiquiatras que enxergam através de lentes moralistas, há estudiosos que os classificam de adictos, viciados e obscenos.

Curiosa coincidência, mas o pai da psicanálise deixa-se seduzir pelas danjuans de sua época, que confidenciavam a ele os seus segredos mais profundos que precisavam ficar excluídos das lembranças familiares para que os pais se mantivessem no lugar de mestre. Tais segredos correspondiam às brincadeiras secretas entre os membros da mesma família, taxada na cultura como incesto. As histórias relatavam que nem sempre eram apenas brincadeiras; simples exploração da sexualidade “à la Rousseau”, que dizia que a criança é um nobre selvagem sedento pela exploração do mundo para construir o seu conhecimento.

Estes relatos fizeram Freud criar sua teoria da sedução, imputando o pecado do incesto aos pais ou adultos e vitimizando aquele que tivera sido objeto idealizado destes, as crianças. Posteriormente, retifica-se dizendo que tivera sido seduzido pelos contos de tais sereias que ofuscaram sua visão e sua audição. História confusa de se entender, pois onde colocar os casos de crianças que de fato fizeram parte de tais experiências induzidas pela sedução de um adulto? Estariam excluídas da etiologia da histeria? Recentemente, num livro intitulado “*Nos arquivos de Freud*” Janet Malcolm afirma a existência de uma carta de Freud afirmando que a sua teoria da sedução não era ilegítima.

Posteriormente, constrói o que chamou de teoria da sexualidade infantil procurando salientar que a sedução era uma fantasia criada pela própria criança, denunciando que a sexualidade já está presente desde a infância. Não houve uma troca de uma teoria pela outra, e sim, uma redefinição do papel da sedução.

Dados estes esclarecimentos a respeito da sedução em Freud agora podemos passar a sua forma “sintomática” no donjuanismo. Don Juan é um excelente exemplo para discutirmos a sedução na vida relacional entre duas pessoas, mas também nos é bastante interessante para entendermos a publicidade. Este personagem fictício é fascinado em seduzir determinadas mulheres. Para conquistá-las, fazia promessas de casamento, dar-lhes filhos, de amor eterno e de fidelidade. Sempre colocado pelos escritores como um libertino, manipulador, conquistador e explorador das mulheres. Essa sina se inverte na pena de Byron. Este escritor imputa-lhe o papel de vítima da sedução feminina. Sua história começa quando é comprado numa feira de escravos, junto a um porto, pela filha de um dos mais temidos piratas dos sete mares que exigia dele uma performance sem igual para o seu deleite.

Depois de muitos anos Saramago devolve-lhe o estigma de sedutor atribuindo às mulheres um papel de vítima. Esta passagem de sedutor à vítima, e posteriormente o retorno a sua gênese é muito interessante por remeter à dualidade da placa giratória descrita por Lacan no seminário VI, onde na fantasia, ora ocupa-se a posição de sujeito, ora a de Objeto “a”, ou seja: seduzir o fantasma do Outro, ou ser seduzido por este fantasma. Byron faz oscilar Don Juan entre estas duas posições. Quanto este “vacilo” literário nos ensina na clínica? Será mais um exemplo literário da divisão do sujeito?

Qual objetivo tem Don Juan ao realizar o fantasma inconsciente das mulheres? Todo o seu empenho navega em direção a não aceitação da impossibilidade pertencente aos aforismos: “*A Mulher não existe*”, que está diretamente relacionado às outras, “*A relação sexual não existe*” e o “*gozo feminino é um enigma*”, todos da ordem do Real. Lacan afirma que *A Mulher não existe* para denunciar que no Outro, no campo da linguagem, não existe nenhum significante que faça conjunto das mulheres, ou seja, que não há Outro do Outro. Ao declarar que esta nomeação é impossível ele remete imediatamente a sua definição de Real: O Real é aquilo que é impossível de ser simbolizado. Don Juan tem todo valor para essas mulheres, já que obtura esta impossibilidade ilusoriamente e faz com que elas revivam um estado de possibilidade via fantasia ao serem tomadas uma a uma, mesmo que seja por um curto espaço de tempo, ele preencherá a falta a ser perdida na alienação da linguagem, restaurando o narcisismo destas e o seu próprio. Não se trata da restauração do corpo da mulher, mas do ser feminino, de encontrar no fantasma uma sutura daquilo que está perdido e a espera ou reservado para aquele que souber engajá-la no uma a uma, ao ser sexuado da mulher e proporcionar a encarnação da linguagem em seus corpos. Lacan trata disso no seminário XX da seguinte maneira: “*E é aí que está o estranho, o fascinante, é o caso de se dizer – essa exigência do UM, como já o Parmênides nos podia fazer prever, é do Outro que ela sai, onde está o ser, há exigência de infinitude... Mas, esse espaço de gozo sexual recoberto por conjuntos abertos que constituem uma finitude e que, finalmente se contam. Vocês veem que o essencial no mito de Don Juan é que ele as tem uma a uma?*”

*Aí está o que é o outro sexo, sexo masculino, para as mulheres. Nisto a imagem de Don Juan é capital.”*

Vemos como Lacan articula neste momento de seu ensino o Outro, o UM, o Corpo e o Ser. O fascínio causado na mulher é a crença de ser única para aquele homem. Ascender ao lugar de Outro para ele, na condição de não revelar seu objeto que deverá estar sempre escondido, velado neste Outro, pois do contrário, implicará, na maior parte dos casos, num colapso do desejo do homem.

É na medida em que crê ser tomada como única, que o corpo desta pode sofrer efeitos. A partir daí o ser sexuado feminino encarna o corpo, e ela é capaz de fazer Mille e umas concessões. Algumas mulheres histéricas não se entregam sexualmente, se não acreditarem que este dispositivo foi colocado em ação. Assim, corpo, Ser, Outro e UM são relacionados para que o casal desfrute do fascínio do encontro sexual.

O que foi um brilho no olhar se transformará em lágrimas e em queixas. Paixão e o risco da tragédia são sempre presentes no danjuanismo. Aquilo que começa de forma encantadora termina beirando a tragédia. Injúrias, acusações de roubo, estupro e de ser enganada por um homem sem escrúpulos é em geral a tônica frente ao desenlace dessa grande paixão. Efeito da perda de existir enquanto a Mulher que se transforma em devastação já que não pode mais se ancorar num significante que nomeia o ser feminino. Don Juan que lhe deu este significante agora se transforma em cruel por deixá-la no vazio a que esta falta implica. Caso ela não assuma que esta perda sentida pela separação a fez reviver a sua própria falta poderá produzir um sintoma em torno da posição da vítima, por exemplo, uma frigidez, um repúdio aos homens, ou um mergulho na aflição, na agonia da dor e no sentimento de aniquilamento produzido no gozo Outro, é por isso, que segundo Lacan o homem é uma devastação para a mulher. O gozo refugiado na solidão do UM corpo remete o conceito de pulsão, que este ao final de seu ensino entende que o que se torna pulsão é suposto representar por excelência o resultado da ação do significante sobre o corpo, no seminário citado acima pág. 178 diz: “O Real, eu diria, é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente”, aproximando o UM do corpo falante ao inconsciente Real.

As investidas de Don Juan não o satisfarão enquanto não tocarem o ponto fraco da mulher, até que ela ceda. Ao fazer a mulher crer que encontrou o significante de sua falta a ser, ele se satisfaz e segue adiante seduzido por seu fantasma inconsciente de dar às mulheres o significante da feminilidade, que elas não encontram, já que ele não existe, pois não há Outro do Outro. Isto o faz fantasiar que não existe o enigma do gozo

feminino e, mais uma vez, procura se assegurar da existência da relação sexual e satisfizer o seu narcisismo. Isto quer dizer, que para ambos, no tempo da conquista ele é o pai da orda primitiva, aquele que detém o saber do gozo feminino. Capturado pela sedução pelo seu próprio fantasma inconsciente, faz a fila andar, para viver novamente este lugar do pai da orda seduzindo as mulheres.

O ponto forte do caso de Don Juan é que ele crê no amor-paixão que tem por essas mulheres tomadas uma a uma. Neste sentido ele é vítima de seu próprio fantasma, como descreveu Byron, assim está a serviço do fantasma feminino 24 horas por dia, é um trabalhador incansável a serviço de tais mulheres. Elas acreditam ler em seus olhos que ele crê neste amor-paixão que a torna a única mulher. O mito literário de Don Juan nos ilustra bem o universo do ser feminino, mas também os manejos frente as impossibilidades ditadas pelo Real: A relação sexual não existe; A Mulher não existe; O enigma do gozo feminino. Vale dizer que as mulheres e os homens são tocados pela questão do feminino e estes são os desafios mais frequentes que os analisados enfrentam nos divãs.

#### Bibliografia:

FREUD, S. Estudos sobre a histeria. Obras completas Imago editora Ltda. RJ 1969

\_\_\_\_\_ Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade \_\_\_\_\_ 1905

\_\_\_\_\_ A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade \_\_\_\_\_ 1923

\_\_\_\_\_ A dissolução do complexo de Édipo \_\_\_\_\_ 1924

\_\_\_\_\_ Sexualidade feminina \_\_\_\_\_ 1931

LACAN, J. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina \_\_\_\_\_ 1960

\_\_\_\_\_ Seminário VI Inédito 1958-9

\_\_\_\_\_ Seminário X. A angústia. Jorge Zahar Editor RJ 2005

\_\_\_\_\_ Seminário XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. \_\_ 1998

\_\_\_\_\_ Seminário XX Mais ainda, Jorge Zahar Editor RJ 1985

\_\_\_\_\_ Seminário XXIII O Sinthoma, Jorge Zahar Editor RJ 2007

\_\_\_\_\_ Aturdito in. Outros escritos. Jorge Zahar Editor RJ 2003

MALCOLM, Janet. Nos arquivos de Freud. Editora Record 1983

SOLER, C. O que Lacan dizia das mulheres, Jorge Zahar Editor RJ 2005